

## Sesquicentenário de Machado de Assis\*

*Ribeiro Ramos*

Quando, em sessão passada, apresentei proposição no sentido de que fossem reverenciadas por este Sodalício, as memórias de Machado de Assis e Tobias Barreto, duas grandes mentalidades brasileiras, por motivo da passagem do Sesquicentenário de nascimento de ambos, jamais me passou pelo espírito a idéia de que recairia sobre mim a pesada tarefa de aqui fazer o panegírico do genial criador de *Dom Casmurro*, e tanto que, naquela ocasião sugeri o nome do nosso eminente Presidente, Dr. Osmundo Pontes, escritor de altos méritos, conferencista consagrado e profundo conhecedor da obra machadiana desde sua radiosa juventude.

Apenado com a escolha feita pelo Sr. Presidente para o desempenho de tão ingente tarefa, aqui me encontro esmagado pelo peso de enorme responsabilidade, que deveria caber a qualquer um de vós que possuíis os indispensáveis dotes oratórios que tanto enfeitam a tribuna acadêmica, pelo fascínio da linguagem escorreita, que encanta, prende e delicia, já que sois diletos afilhados de Calíope.

Apesar de contar com a vossa benevolência que é ditada por esta forte e recíproca estima que nos une num vínculo que não se parte, é a medo que assomo a esta tribuna para falar sobre tema demasiadamente elevado e grandiloqüente: a vida e obra de Joaquim Maria Machado de Assis, o genial escritor que é uma das glórias da Inteligência brasileira. Já disse e repito: é tarefa demasiado pesada para as minhas fracas forças, bastando lembrar que ele é o escritor brasileiro quem mais se tem escrito no país – biografias, ensaios, críticas, estudos, conferências, discurso, palestras e artigos sem conta. Isto sem contar as numerosas vezes que tem sido objeto ou tema em vestibulares de nossas universi-

---

\* Palestra proferida na Academia Cearense de Retórica em 15/3/90.

dades. Centenas de livros, milhares de artigos, ao longo de várias dezenas de anos, com Machado de Assis ainda vivo e depois de morto, perenizando sua obra monumental e elevando-o à glória da Imortalidade.

Na lombada desses livros nomes de mais alta ressonância, tais como Lafayette Rodrigues Pereira, Mário de Alencar, Alcides Maia, José Veríssimo, Alfredo Pujol, Graça Aranha, Augusto Meyer, Lucia Miguel Pereira, Peregrino Júnior, Olívio Montenegro, Eugênio Gomes, Mário Matos, Astrogildo Pereira, Eugênio Coutinho, Magalhães Júnior, Joaquim Matoso Câmara Júnior, Cândido Mota Filho, Dirce Côrtes Riedel, Miécio Tâti, Soares Lima (Maria de Nazaré), o francês Jean Michel Massa, Gondim da Fonseca, Eloy Pontes, Luiz Viana Filho, Galante de Sousa, Wilson Martins e outros mais, sem esquecer os nossos eminentes confrades Moreira Campos e Linhares Filho, ambos machadianos da mais alta distinção.

Vede bem e notai como estou muito distanciado desses notáveis idólatras, mas sigo-lhes os passos, sempre de olhos postos no “Bruxo do Cosme Velho”, o mago das laranjeiras, em eterna fascinação.

Como se pode ver muitos são aqueles que escreveram sobre Machado de Assis, esmiuçando-lhe a vida, da meninice paupérrima à velhice gloriosa, buscando-lhe os mínimos detalhes, querendo saber tudo para expor ao público. Mesmo assim houve um período do existir de Machado de Assis que até hoje permanece oculto aos olhos de todos os seus numerosos biógrafos, mesmo do mexeriqueiro e um tanto quanto venenoso Hemetério dos Santos, negro, gramático conhecido, professor de Português do famoso Colégio Pedro II – é aquele que vai da puberdade à juventude do futuro e glorioso escritor, e quando abandonou o subúrbio de São Cristovão pela cosmopolita e fidalga Rua do Ouvidor, e quando deixou o modesto lar paterno e os maternais cuidados de Maria Inez, madrastra desvelada e amiga afetuosa, cuja vida tem sido tantas vezes pesquisada, por motivo do enteado famoso, chegando a ser apontada como mãe do único filho

varão de Francisco José de Assis, por biógrafos menos avisados. A confusão nasceu, por certo, de um episódio contado pelo escritor Coelho Neto em artigo para os jornais. Certo dia, a convite do mestre e amigo, o acompanhou “até a Gamboa em silenciosa peregrinação”. Ali, em determinada rua, pararam o tilburi diante de uma casa humilde e desceram, lá dentro de casa havia um velório pobre. Chamou-lhe a atenção a compenetração e o mutismo de Machado de Assis, parado, de cabeça baixa, fisionomia tensa, ao lado do caixão mortuário, onde jazia um corpo de mulher. Era Maria Inez, segunda mulher de Francisco José de Assis, falecido a 2 de abril de 1864, aos 58 anos de idade, “contando o filho 25 sonhadoras primaveras”, segundo afirmativa do Professor e escritor H. Pereira da Silva”, no seu excelente livro “Machado de Assis de Roupa Nova” (1986). Ao saírem, depois de Machado haver permanecido longo tempo inteiramente absorto junto ao corpo inerte, e ao tomarem o tilburi, Coelho Neto, intrigado perguntou: – “Quem era”? E veio a surda resposta: – Era minha mãe”.

Nasceria deste fato tremenda confusão, aduz Pereira da Silva: “Estavam os dois escritores em 1891. Para ser exata tão preciosa informação, acrescentamos o mês e o dia em que tal episódio, causador de tantas polêmicas e incompreensões, se verificou. Foi a 10 de junho e Maria Inez contava 70 anos. Estava viúva há 27 anos de Francisco José de Assis, pai do romancista, após provável período de união não sacramentada, contraíra segundas núpcias, conforme certidão de casamento que se encontra na Matriz do Engenho Velho.

Tinha razão o grande escritor de assim chamar carinhosamente àquela santa mulher que o acolheu entre os 8 e 9 anos o menino Joaquim Maria, órfão de mãe, amedrontado, magro, rostinho cavado, olhos fundos, mas de fisionomia inteligente. Entre os dois, madrastra e enteado, a afeição foi mútua e de imediato. Era Maria Inez mulata, como o pai, doméstica, doceira, presumindo-se daí que o pequeno enteado tenha servido como baleiro pelas ruas de seu bairro, se bem que não tenha jamais descurado da educação do filho que adotara, desvelando-se por ele, pois jamais teve filhos. Há provas desse interesse da Maria

Inez, que fez do menino Joaquim Maria sacristão Igreja da Lampadosa e o entregou aos cuidados do Padre Sarmento, vigário, que lhe serviria como primeiro mestre, vivamente impressionado com a inteligência do mulatinho, que tudo aprendia com extrema facilidade. O padre Sarmento – Antônio José da Silveira Sarmento – se interessava tanto pelo seu coroinha Joaquim Maria que, nos ocasionais encontros com a sua paroquiana Maria Inez de Assis, recomendava-lhe redobrar os cuidados com o enteado, não só os estudos e a saúde do menino como também corrigir-lhe a gagueira.

Costuma-se dizer freqüentemente que ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher. Nada mais verdadeiro. Machado de Assis não fugiu a esta regra, mas talvez mais feliz do que outros de grandeza igual, teve ele não uma só grande mulher, mas três. Chamavam-se elas Maria Leopoldina, mãe, Maria Inez da Silva, madrastra e Carolina Augusta Xavier Novais, esposa, “que lhe marcaram indelevelmente a vida”, de modos diferentes mas de extraordinária significação, como se cada uma, e a seu tempo imprimisse um pouco de seu próprio ser na alma do homem amado. Duas delas era de origem portuguesa, brancas, de almas puras, e a terceira, mulata, de alma de cor de lírio. Delas o grande escritor, sempre discreto nas suas manifestações, deixaria perfis debuxados e perceptíveis em páginas magistrais de romances seus, ocultas por traz de personagens fictícias que, de tão marcantes, ficaram para sempre, imortalizadas na memória das gerações. Criador e criaturas figuram genialmente nas páginas rutilantes de três obras-primas: “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Memorial de Aires”. Só mesmo um gênio faria tal coisa, com tanta grandeza e tanta luminosidade.

Temperamento arredo e pouco dado a expansões, trazendo sempre ocultos os próprios sentimentos, foi incriminado de ingrato por não ter mais voltado à casa paterna, especialmente depois da morte do pai, mas nos diz Pereira da Silva que tal coisa não procede, havendo até mesmo provas em contrário, pois Machado de Assis jamais deixou de amar a madrastra que lhe serviu

de mãe, e quando Joaquim Maria de apenas 8 anos chorava a morte de Maria Leopoldina sobre quem escreveria, aos 16 anos, estreando na imprensa, na "Marmota Fluminense" de Paulo Brito, uma sentida página de amor e de saudade, que transcrevo com a vossa benevolência:

... "Tinha eu ainda minha mãe, a quem adorava como a única santa que conhecia neste mundo; minha mãe, que parecia ir apanhar as vontades do meu coração, que ia escutar no peito os desejos de minha alma de menino!

Minha mãe adoeceu; fiquei triste, desprezei os meus brinquedos, e talvez mesmo chorasse; mas as lágrimas de uma criança não se notam, desprezam-se como as pequenas goras de chuva que caem nas pontas das folhas, como a brisa bem fraca que não move nem o arbusto mais pequeno.

Por fim minha mãe morreu, então minha dor foi tão grande como o gemido último do peito de minha mãe; minhas lágrimas foram tantas como as saudades do meu coração!

E lá se foram os anos, e há tanto tempo que morreu minha mãe, e eu choro sempre, porque a minha dor foi tão grande como a da rainha dos anjos, quando perdeu o seu filho no monte Calvário".

Maria Carolina seria lembrada na dedicatória de "Crisálidas" e seria estereotipada na pessoa de Dona Glória do "Dom Casmurro".

Vale lembrar a estas alturas que muitos biógrafos de Machado de Assis afirmam que sua mãe era "uma pobre lavadeira", nascida na ilha de São Miguel nos Açores, falecida tuberculosa aos trinta e seis anos. Isto dito assim faz crer que a mãe de Joaquim Maria morreu só e abandonada, no entanto o marido não era apenas um simples pintor de "piso liso", mas um operário qualificado, constantemente chamado por proprietários ricos para decorar as paredes de suas casas com pinturas de cenas campestres, fugiras de pássaros e animais, deuses gregos, etc., como era costume naquele tempo. E acrescente-se

que seria sepultada no Convento de Santo Antônio, de “licença encomendada” como declarou o vigário. Tal coisa não sucederia se a morta fosse apenas uma simples empregada ou agregada de chácara, como diz um escritor francês, testemunha ocular do fato.

Outra demonstração de que Machado de Assis não era um ingrato, ao se afastar da família – talvez a conselho de Maria Inez, que lhe admirava profundamente a inteligência precoce e o quisesse longe do morro, distante do subúrbio, prevendo-lhe um belo futuro entre gente de classe privilegiada, quem sabe? – foi que se iniciou na carreira literária escrevendo sobre gente de seu sangue. Outra não foi a sua estréia na Poesia ao publicar na “Marmota” o poema “Um Anjo”, dedicado a sua única irmã, Maria, que nasceu a 3 de maio de 1841 e faleceu de sarampo em 1845. Eis o poema em versos setissílabos de muita inspiração e suavidade:

“Foste a rosa desfolhada  
na ara da eternidade  
pra sorrir mais animada,  
mais bela, mais perfumada  
lá na etérea imensidade.

Rasgaste o manto da vida  
e anjo subiste ao céu  
como a flor enlanguescida  
que o vento pô-la caída  
e pouco a pouco morreu!

Tua alma foi um perfume  
erguido ao solo divino;  
levada ao celeste cume,  
com os anjos oraste ao Nume  
nas harmonias de um hino.  
Alheia ao mundo devasso  
passaste a vida sorrindo;

derrubou-te, ó ave, um braço  
mas abrindo as asas no espaço  
ao céu voaste, anjo lindo.

Esse invólucro mundano  
trocaste por outro véu;  
deste negro pego insano  
não sofreste o menor dano  
que tua alma era do céu.

Muita suavidade, harmonia e beleza de sentimentos nesses versos escritos com amor por um adolescente, que seria bem cedo um descrente, que se faria e morreria ateu. Conseqüência talvez de ter assistido sem compreender, menino de 8 anos apenas, a morte da própria mãe que idolatrava, e se afastando do lar e do afeto de Maria Inez, que tanto o amava, que o confiou a um sacerdote cheio de virtudes, que o mandou para a escola, e o cercava de constantes cuidados, verdadeiramente maternos.

Deixando a casa paterna aonde não mais voltaria o menino Joaquim Maria, pobre, franzino e doente, não teve adolescência, e se tornou, antes do tempo, no adulto Machado de Assis, que se abeberou de grande filósofos negativistas do seu tempo dentre os quais Feuerbach, Engels, Max, Nietzsche, e Augusto Comte e os seus seguidores, passando a conviver com jovens igualmente imbuídos das teorias e idéias por eles difundidas e pregadas.

Homem feito, já funcionário público em ascensão, literato vitorioso, jornalista respeitado e já se distanciando daquela fase da juventude de sua época que se deixava enfeitiçar pelos encantos de atrizes de teatro, quase sempre européias – portuguesas, francesas, espanholas e italianas – as decantadas divas, que faziam delirar as platéias cultas dos países visitados, às quais também se renderia, cantando-lhes loas e louvores românticos. Um certo dia Machado de Assis foi ao encontro da terceira mulher, e que seria o grande amor de sua vida – Carolina Augusta Xavier de Novais – aquela que poria “num recanto o mundo inteiro”.

A apresentação dos dois foi feita pelo irmão de Carolina, o escritor e poeta, Faustino José de Novais, amigo de Machado de Assis, radicado no Rio de Janeiro, que a mandara vir de Portugal com duas outras irmãs e um irmão. Houve entre Machado de Assis e Carolina uma mútua simpatia de que resultou um amor à primeira vista tão apregoado pelos adeptos do romantismo. Houve uma certa oposição por parte da família Novais, em virtude do preconceito de cor – a moça era branca e tinha olhos verdes e Machado era de descendência africana, era mulato e tinha olhos pretos. O amor foi maior do que os preconceitos e, vencidas as resistências, os dois tornam-se noivos e o casamento realizou-se, em cerimônia simples, na casa do Conde de São Mamede, presidida pelo Cônego José Gonçalves Ferreira, presentes alguns amigos do escritor e de familiares da noiva. O grande ausente seria o irmão Faustino Xavier de Novais, que havia morrido louco três meses antes do grande dia, aquele venturoso dia 12 de novembro de 1869. Carolina, vestida de noiva, um pouco mais magra e sorridente não demonstrava ser mais velha quatro anos do que o seu Machadinho, que vestia traje novo e parecia, mais nervoso que de costume.

Foi uma união feliz, o casal tinha vida modesta e recatada, mantinha relações de amizade com algumas famílias de sua classe social, freqüentando-as socialmente e recebendo-as em sua casa, casa modesta de funcionário público e de jornalista que recebia os seus Honorários sob o regime de vale, em fim-de-semana.

No lar Machado de Assis escrevia muito, produzindo constantemente, sob as vistas da meiga Carolina, que tinha para com o marido cuidados de uma mãe desvelada, cuidados maiores e desvelos mais intensos, depois que assistiu pela primeira vez a um dos ataques de epilepsia do companheiro que, talvez por pudor ou temor de uma rejeição (quem sabe?) nada lhe dissera sobre a sua doença, à qual ele próprio tinha horror, confessando-lhe, cessadas as terríveis convulsões, que desde menino tinha “aquelas coisas esquisitas”. Tudo indica que tais coisas esquisitas levariam o grande escritor a por na boca do principal



personagem de “Memórias Póstumas de Bras Cubas”, obra-prima de fino lavor, estas palavras terríveis: ...“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossas misérias”, que soam aos nossos ouvidos ainda hoje como uma maldição.

Machado de Assis era um trabalhador infatigável, escrevendo sem cessar, dia e noite, como se fosse um condenado às galés de seu ofício, prejudicando consideravelmente a visão. Sofrendo de acentuado astigmatismo, que o obrigou moço ainda ao uso de lentes de correção postas naquele seu clássico pince-nez, lentes importadas de Paris. Sabe-se que aos quarenta anos sofreu de grande depressão ao sentir-se incapacitado para escrever, e viu-se na contingência de pedir licença de suas funções públicas, retirando-se para um repouso forçado em Petrópolis, ou Nova Friburgo, onde teria ditado para a solícita Carolina os primeiros capítulos do monumental romance “Dom Casmurro”, que lhe daria fama e glória, abrindo-lhe as portas da imortalidade. Deprimido, às portas da cegueira, no entanto o seu cérebro potente não parava. Conta-se que a ressurreição do escritor de olhos mal feridos pela cegueira noturna e talvez por uma catarata incipiente, veio com a substituição das lentes que estavam trocadas. Conta-se também que com a aproximação da velhice diminuíram os acessos epiléticos, e que Machado de Assis produzia sem cessar. Por isso mesmo é extensa a sua obra – romances, contos, crônicas, poesia, teatro, crítica, correspondência, etc., além de inúmeros artigos para os jornais, alguns assinados com pseudônimo. Creio que são poucos os seus discursos, mas é sabido ele falava pausadamente, talvez para atenuar ou disfarçar a gagueira. Parece que não gostava da tribuna, fugindo da Oratória talvez por não amar Calíope, a musa divina da Eloquência. Talvez a gagueira o inibisse.

Muito se tem escrito sobre Machado de Assis e Carolina, mas ninguém jamais, nem mesmo os amigos mais chegados, conheceu de perto a vida íntima do casal, sempre cioso de sua privacidade. Contentam-se os biógrafos em mencionar a felicidade daquela união como perfeita e duradoura, com Machado de Assis inteiramente voltado para os seus trabalhos intelectu-

ais e intransigente cumpridor de seus deveres como funcionário público. Era uma eterna felicidade vivida a dois, uma vida em comum na mais perfeita harmonia. Para revigorar aquele grande amor não faltou sequer um discreto ciúme entre os dois – Carolina querendo saber dos amores do marido na mocidade e das divas por ele celebradas em prosa e verso, e Machado, por sua vez tinha ciúmes de Artur Napoleão, pianista e compositor de méritos, português, radicado no Brasil, e grande amigo da família e amigo íntimo de Machado, com quem jogava partidas de xadrez, em cuja companhia Carolina e as irmãs haviam viajado, quando da viagem das três jovens de Lisboa para o Rio. Ela era uma dona-de-casa perfeita, religiosa, cuidava atentamente do lar e do marido, cujo ateísmo jamais questionou, procurando ser-lhe útil em tudo. Moça inteligente e culta, falava a língua mater com absoluta correção e ajudava o escritor na revisão de seus trabalhos e também como copista, constante até que o corrigia no emprego dos pronomes.

Toda essa felicidade se desfez com a morte de Carolina em 20 de outubro de 1904. O mundo desmoronou para Machado de Assis, que mergulharia na mais negra solidão, não teve sequer o conforto espiritual e as dulcíssimas consolações da Fé, inteiramente cético que era, ateu confesso e que morreria impetente, em 29 de setembro de 1908, sobrevivendo, assim, à mulher amada, quatro anos, guardando-lhe a memória imprecívél, a sós com a sua grande dor. Nesses poucos anos foi alvo, em 1905, de tocante e bela homenagem em sessão solene na Academia Brasileira de Letras, da qual foi co-fundador e seu primeiro Presidente, ocasião em que recebeu um ramo de Carvalho de Tasso, enviado pelo seu eminente amigo Joaquim Nabuco, e publicou nessa época, “Relíquias da Casa Velha” (1906), “Discurso a Guglielmo Ferraro (1907), e “Memorial de Aires” (1908). Data também dessa época a publicação do célebre e belíssimo soneto, intitulado “Carolina”, dedicado à memória daquela excelsa dama que fora a esposa muito amada, soneto antológico que seria desde então tantas vezes reproduzido em antologias, livros, revistas, jornais e biogra-fias, ao

longo dos anos, como pequenina obra-prima da Língua Portuguesa e da Poesia Brasileira.

“Querida, ao pé do leito derradeiro  
em que descansas desta longa vida,  
aqui venho e virei, pobre querida,  
trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro,  
que, a despeito de toda humana lida,  
faz a nossa existência apeteçada,  
e num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados  
da terra que nos viu passar unidos  
e ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho os olhos malferidos  
pensamentos de vida formulados,  
são pensamentos idos e vividos”.

Este soneto, diz um biógrafo, só por si “projetaria Carolina Augusta Machado de Assis do túmulo para a vida póstera.”

A obra deixada por Machado de Assis, escritor genial, mulato, descendente de três raças tristes na qualificação de Ronald de Carvalho, admirável autodidata, árcade sublime, é um momento de luz, e como tal imperecível. Por isso mesmo sucedem-se as reedições de seus livros, ao longo dos anos, alguns deles com mais de cem anos. Aqui e onde quer que se fale a Língua Portuguesa, lê-se Machado de Assis, comenta-se Machado de Assis, discute-se Machado de Assis, convive-se com Machado de Assis, nas imortais páginas que escreveu, nas idéias que pregou, nas personagens magníficas que criou, como se ele fosse vivo falando para nós. Isso é imortalidade.

Machado de Assis é grande demais para se contar nas poucas páginas de uma simples palestra, mesmo que se recorra ao

milagre de uma síntese, mormente quando palestrante não possui engenho e arte para tanto. Tenho, pois, que parar, para não nos cansar, com esta desataviada palavra. Mas antes eu quero vos lembrar que Machado de Assis com toda a monumentalidade de sua obra, com toda luminosidade do seu espírito e a sua reconhecida genialidade, mesmo assim teve críticos, acerbos uns, inconseqüentes outros, tais como Hemetério dos Santos, sem elevação espiritual; Sílvio Romero, germanófilo indisfarçado, adversário temperamental, exaltado, do autor de "Dom Casmurro", sempre, "violento, agressivo, sanguíneo, robusto, louro, não compreenderia a quietude, a ponderação, os cabelos crespos, a fragilidade física e a palidez machadiana". Mas os críticos passaram e Machado de Assis ficou, com toda a sua grandeza, vivendo as galas da imortalidade. E sobrevive, sempre com um sorriso nos lábios à Sterne e a murmurar para os críticos – Ao vencedor as batatas”!

Machado de Assis faleceu vítima de um câncer na língua, causado talvez por mordeduras quando de terríveis convulsões epiléticas. Talvez no minuto final tenha-se lembrado das três mulheres que amou – Maria Leopoldina, Maria Inez e Carolina Augusta, que o precederam na Eternidade, murmurando suavemente “a vida é boa”. Aquelas três admiráveis mulheres sempre anjos de bondade, na vida sofrida do grande escritor.

Neste instante tenho diante dos olhos de minha própria alma o vulto diáfano de Joaquim Maria Machado de Assis, apon-to-o e digo para vós que benevolmente me ouvistes:

“Esta a glória que fica, eleva, honra e consola”.

Ao sentir a proximidade da morte, Machado de Assis trouxe para junto de si um precioso acervo, que ele próprio guardava fechado, ciosamente e o queimou. Era a correspondência trocada com Carolina, durante o noivado e em 35 anos de vida em comum, numa perene felicidade vivida a dois, sempre presos por um amor profundo e verdadeiro. Não quis o grande romancista deixar que olhos indiscretos lessem tão preciosas cartas, banais talvez algumas delas, outras por certo cheias de

íntima ternura. Não foram, assim, perturbados depois da morte. Juntos na vida, eternamente juntos depois da morte. Com o gesto privou-nos Machado de Assis de um valioso tesouro literário e epistolográfico, que só a ele e Carolina pertencia. Valido o gesto, pois, os mortos devem ficar em paz, eternamente intocáveis.